

## CONSOLAÇÃO

Você deixa o Brasil e se casa em Paris com o homem dos seus sonhos. Vinte anos depois — vinte anos... isso não é nada — o corpo está num caixão. Vestido de *smoking*, conforme o último desejo. Para você se perguntar se a vida para ele foi uma festa ou se a grande festa é a morte.

O que me deixa inconsolável é o sofrimento de Jacques. Impossível convencer o médico a abreviar a agonia. Como se escolher a hora da própria morte não fosse um direito de quem não pediu para nascer. Como se fosse humano deixar que o homem se degrade até se tornar um encefalopata diante de todos. Um demente, Deus meu!

Imobilizado no leito do hospital, Jacques delirou até entrar em coma. “— Cuidado, os alemães vão te pegar”, ele dizia para Alex, numa última tentativa de proteger o filho. “— Os nazistas são capazes de qualquer coisa. Nunca dê o seu endereço a ninguém.” Ou, voltando-se para mim: “— Por que você não vai ao cinema, Laura? Vai tomar um drinque em vez de ficar no quarto. Tem um bar no andar de baixo. Aqui, neste hotel, tudo é de primeira.”

Depois, já em coma, arfou até morrer diante dos nossos olhos, martirizando-nos com sua presença ausente e a inspiração abrupta, um corpo que já não pertencia a ninguém e ainda não era o de um morto.

Por que fomos obrigados a passar por isso?

— Metástase no fígado, me diz Jacques no telefone. Como se um marido pudesse contar isso para a esposa assim, sem mais nem menos. Não pode, mesmo quando é médica.

*Metástase no fígado.* A frase explode no meu ouvido. — O que significa isso, Jacques?

Só ouço o silêncio. A perna esquerda treme, desgovernada. Aperto o joelho contra a parede e continuo no telefone. Acaso se trata de mais uma das fantasias de Jacques, que sempre se comportou, no dia a dia, como se estivesse no teatro? Confundir a realidade com a imaginação é uma forma de loucura. Sei disso. Mas sempre gostei de vê-lo entrar em casa como se entra em cena — como o suntuoso Jacques B., cabelos prateados e traços femininos, o Narciso em quem eu me espelhava. Fui cúmplice da loucura. E daí? O mundo não é um teatro de

## CONSOLAÇÃO

loucos? Ele que se comportasse como bem entendesse. Como um galã ou um vilão. Neste caso, era só não dar ouvidos.

— O que aconteceu, Jacques?

— Aconteceu que eu tenho uma metástase no fígado, Laura.

O tom é de padre dando a extrema-unção.

— E você sabe disso como?

— Porque o radiologista falou, ele viu na radiografia.

— Não é o radiologista, é o clínico que dá o diagnóstico.

Vamos lá.

— Por que “vamos”? Vou sozinho.

*Metástase. Me-tás-ta-se.* A palavra ressoa, não para de ressoar. Ouço *metáfora, metonímia...* a professora de português. “— Quem sabe o que metástase significa levanta a mão.” “— Sei, eu sei. Significa atribuir a responsabilidade a um outro.” Mas não foi nesse sentido que Jacques usou a palavra.

Nada é pior do que o diagnóstico de um tumor à distância. Metástase do câncer de pulmão que eu não parei de prever e não pude evitar. Por nada ele deixou de fumar. À maneira de um galã dos anos cinquenta, e, durante cinquenta anos, fumou. Como se a fumaça fosse uma aura.

O que me resta senão suportar e não morrer com Jacques, que dizia: “— Fumar mata, eu sei. E viver, não mata? Melhor teria sido não nascer. Minha mãe me infligiu a vida.” Dizia isso, acrescentando à última frase o nome do seu autor: Chateaubriand.

O telefone novamente. Jacques foi internado. Vou para o hospital, saber do que ele precisa. De táxi eu não chego... melhor de metrô. Dez minutos para ir até a Place de la République. De lá eu sigo para a Porte de Saint-Ouen... Hôpital Bichat.

Por que será que Jacques foi para esse hospital? Bichat, anatomofisiologista, eu li na faculdade. Para ele, “a vida é um conjunto de funções que se opõem à morte.” Nunca entendi essa definição. Prefiro a de que Jacques gosta: “A vida não passa de uma sombra ambulante.” A *walking shadow...* A frase de Shakespeare agora ficou clara.

## CONSOLAÇÃO

No Jardim du Temple, os patos no lago continuam indiferentes à própria sorte. As árvores de outono se despedem da copa, exibindo folhas amarelo-translúcido-cintilantes, quase irreais. Também há folhas cor de ameixa, cor de limão e de caramelo. Outras que evocam o verão, verde-opacas.

Pelos tantos chineses nos bancos e os outros tantos se exercitando no *tai chi chuan*, o jardim mais parece um reduto da China. Duas velhas fazem a marcha do gato, levantando o pé e se apoiando no calcanhar. Mais leveza é impossível. De dar inveja em quem se arrasta para o hospital. Um jovem chinês faz o vinte e quatro, esfrega as nuvens, penteia a crina do cavalo, pega o passarinho no ar. O mestre corrige sem dizer nada. Mostra ao aluno o movimento certo. Só fala quando ensina um exercício novo: “— Com esta mão você afasta o adversário e com esta você se protege... Utiliza a força do outro para fazer o outro se desequilibrar.” Afasta o adversário com a mão... Se eu pudesse afastar a doença assim.

Onde está a Porte de Saint-Ouen? O tamanho da letra no mapa é minúsculo. Merda! Além de tudo, eu não enxergo bem. Com a notícia da metástase, a vista baixou ainda mais. Por sorte, quem procura acha. De République para Gare Saint-Lazare, direção Pont-de-Sèvres. De Saint-Lazare para Porte de Saint-Ouen, direção Saint-Denis.

— Salada nesta lata de lixo? Será que tem?, se pergunta o *clochard* em frente ao metrô. — Uma salada e até um garfo.

O homem tira uma caixinha de plástico e deixa a lata aberta. Garfadas tamanhas que ele engasga. Vomita na calçada. Limpa a boca com o dorso dos dedos. Depois, esfrega na camisa. Funga, arrota e protesta: — Vou ter que começar tudo de novo... puta que pariu!

Parece até que estou em São Paulo. A cada esquina, um sujeito que escarafunha o lixo. Mexe, remexe, tira uma coisa, joga, tira outra, xinga, não é exatamente o que ele quer. Só que lá não é *clochard*, é pobre, se é que a diferença ainda existe.

Desço na Saint-Ouen e vou andando. Funerárias dos dois lados da rua, *Pompes Funèbres*, caixões, placas para o túmulo, *corbeilles* de rosas brancas ou vermelhas, *repousa em paz* ou *eu te amo*. Do enterro, Jacques não falou no dia do

## CONSOLAÇÃO

casamento. Ninguém fala, é só festa, vestido de noiva, buquê e bolo de coco. Vestido de noiva ele não quis, porém exigiu que não houvesse preto na roupa, nem um só botão, nem um fio de linha. Nada que evocasse o fim.

Na recepção do hospital, fico sabendo que ele desceu para o oitavo. Por quê? Desistiram de tratar? Pudessem eu ir embora. Como se não fosse comigo. Mesmo porque não pode ser comigo. Impossível que seja. O elevador sobe rangendo. Ouço o grito da gaivota quando ele para no sétimo andar, o grito trágico. Será que apertei o botão errado? Ninguém entra, mas todos me encaram. Ou talvez seja só imaginação.

No oitavo, eu deço e procuro o quarto. Fica no fim do corredor, longe do elevador. Ao me ver, Jacques se senta de cueca na beira da cama... uma faixa amarrada na perna. Por que isso? Depois, como se nada houvesse, fica balançando os pés. De tão magros, parecem duas meias penduradas num varal. Finjo que não vejo a mancha roxa no seu rosto e pergunto: — Que tratamento os médicos vão fazer?

— Estão estudando o meu caso.

— Como assim?

— Fizeram uma radiografia do esôfago e não acharam nada. Vão fazer de novo, não sabem o que eu tenho.

— Vão fazer de novo quando?

— Não sei, Laura. Não consigo comer e você aí me fazendo perguntas.

— Não consegue por quê?

— É só comer e eu vomito.

Jacques afunda a cabeça no travesseiro, vira para o outro lado e se fecha em copas. Só me resta falar com a médica, que infelizmente não está. Com o plantonista não adianta. Atravesso o corredor sem ver o que olho e sem saber do meu corpo, que ficou no quarto.

\*\*\*